

**LINGUAGEM E CORPOREIDADE: UMA PERSPECTIVA NEURODINAMICA
(PÓS-REICHIANA)
EMBODIMENT AND LANGUAGE: A NEURODYNAMIC (POST-REICHIAN)
APPROACH**

Autor: JOSÉ IGNACIO TAVARES XAVIER

Médico psiquiatra. Doutor em Psicologia (IP/CFCH - UFRJ, 2005).

Coordenador do NEPP – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Psicoterapia

www.neurodinamica.com

Endereço para correspondência: nepp@neurodinamica.com

A linguagem, assim como a percepção da conduta, apresenta inconscientemente o respectivo estado fisiológico; e não o faz de forma figurada senão que de maneira imediata... Essa peculiar vinculação entre a percepção do estado vegetativo e sua formulação linguística merece um estudo detalhado. (Wilhelm Reich, 1935)

Se assumirmos que a razão é corporificada, então iremos querer compreender as relações entre o corpo e a mente e encontrar os meios de cultivar os aspectos corpóreos da razão. (George Lakoff, 1987)

Resumo

O paradigma conexionista atualmente em desenvolvimento na linguística, na filosofia, na psicologia e nas neurociências permite a recuperação de um aspecto-chave da produção teórica de Wilhelm Reich no seu período pré-orgonômico. O autor propõe uma releitura do conceito de unidade somatopsíquica valendo-se das noções de esquema corporal e de imagem corporal de Head a partir da articulação destes aspectos com o arco intencional de Merleau-Ponty (Gallagher, 1998), o que desemboca num modelo de produção da singularidade pessoal de onde derivam a constituição da mente e da linguagem conforme o paradigma conexionista apresentado por Lakoff e Johnson (1980). O resultado parece corroborar o acerto dos desenvolvimentos reichianos relativamente às complexas interrelações entre corporeidade e linguagem numa perspectiva monista. Futuras modificações na teoria e na técnica das psicoterapias corporais poderão emergir a partir desse novo paradigma.

Palavras-chave: corporeidade; neurodinâmica; cognitivismo linguístico.

Summary

The connectionist paradigm being currently developed in linguistics, philosophy, psychology, and neuroscience allows us to recover a key aspect of Wilhelm Reich's theories before he turned to orgonomy. The author proposes a re-reading of the concept of psychosomatic unity, validating it through the notions of body scheme and body image proposed by Head, beginning with their articulation in the intentional approach of Merleau-Ponty (Gallagher, 1998) and arriving at a model of the origin of personal uniqueness from which the constitution of mind and language according to the connectionist paradigm proposed by Lakoff and Johnson can be derived. The result appears to corroborate the accuracy of Reich's view of the complex relations between embodiment and language in a monistic perspective. Future modifications of the theory and methods of body psychotherapies can emerge from this new paradigm.

Key-words: embodiment; neurodynamics; cognitive linguistics.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo explorar as origens corporais da linguagem e como a experiência corpórea da vida pode se transformar em experiência subjetiva, mental e linguística. Para tanto, tentarei articular um aspecto específico da teoria reichiana pré-orgonômica com o paradigma conexionalista do cognitivismo linguístico de Lakoff e Johnson através da perspectiva neurodinâmica.

O nascente modelo da Psicoterapia Neurodinâmica (Haldane 2004; Xavier 2004; 2005) concebe a unidade somatopsíquica em termos das experiências relacionais constitutivas do ser humano tanto na verticalidade do indivíduo com a sua própria experiência como na horizontalidade de suas interações com os demais seres da natureza e com os entes e objetos do mundo cultural.

Nesse sentido, valho-me das noções de esquema corporal e de imagem corporal de Head articuladas através do arco intencional de Merleau-Ponty¹⁵ (Gallagher; 1998) como

¹⁵ O arco intencional de Merleau-Ponty (1990) implica que o sujeito cognoscente emerge das operações fisiológicas do próprio cérebro, prescindindo do caráter transcendente até então privativo ao espírito objetivo absoluto. Nesse sentido, o sujeito corpóreo encontra-se em ambos os lados da operação intencional, sendo ao mesmo tempo o sujeito produtor da percepção e o sujeito receptor, que a reconhece e dela extrai as leis e procedimentos que engendram a razão que transcende os dados imediatos da consciência. Igualmente em Merleau-Ponty a verdade perde o seu estatuto de coisa ideal e torna-se sempre relativa ao sujeito da percepção e ao seu contexto.

ferramentas que contribuem para a superação de uma concepção ainda predominante de corpo (a matéria) e mente/linguagem (o espírito) como substâncias distintas.

É minha intenção apresentar ao leitor – bem como abrir o tema ao debate e aos devidos aprimoramentos - alguns elementos para o entendimento de que a mente é uma propriedade emergente da matéria, como preconizavam Reich na década de 30, e Lakoff e Johnson em tempos mais recentes.

2. DO OBJETIVISMO AO CONEXIONISMO: O TRÂNSITO ENTRE OS PARADIGMAS

Década de 80. Mark Johnson e George Lakoff investigam um tema complexo e instigante: como as pessoas compreendem a linguagem e a própria experiência vital? Johnson observa que as escolas da tradição filosófica não conferem maior importância à metáfora no processo de apreensão do mundo e de nós mesmos; Lakoff, por sua vez, nos apresenta um corpo de evidências que demonstra o papel-chave da metáfora como elemento que permeia a linguagem e o pensamento cotidianos.

O papel periférico atribuído à metáfora (e à metonímia) decorre de uma perspectiva ainda hegemônica nas ciências humanas e na própria ciência em geral que entende a razão como uma instância do ser abstrata e desvinculada do corpo que expressa a presença de um ‘espírito objetivo absoluto’, de modo que os conceitos significativos e a própria racionalidade¹⁶ transcenderiam as limitações físicas de qualquer organismo.

As escolas do pensamento tradicional, embora concedam que os conceitos significativos e a razão abstrata podem eventualmente exibir uma origem material (*embodiment*) em seres humanos, em outros organismos e até mesmo nas máquinas, assumem que a razão e a linguagem constituem uma dimensão abstrata e independente de qualquer vínculo corporal em particular.

De acordo com Lakoff o paradigma tradicional decorre de uma visada filosófica que remonta à Grécia antiga: trata-se de um produto de dois mil anos de filosofia acerca da natureza da razão que, ainda hoje, é *“automaticamente tomado não como simples verdade,*

¹⁶ No sentido adotado por Reich ao longo de sua obra, o termo racionalidade ou pensamento racional pode ser entendido contemporaneamente como aquela atividade cognitiva superior que opera em cooperação com os aspectos emocionais próprios do indivíduo, ao passo que o pensamento irracional ou ‘encouraçado’ caracteriza-se por uma atividade mental que opera em oposição aos aspectos emocionais reprimidos forjando formações de reação ao nível da atividade psíquica e adulterando a racionalidade da razão. É o tipo de pensamento emocional que se acha na origem de sistemas de idéias preconceituosos como a homofobia, a sociofobia de classes, o racismo e a educação das crianças através da intimidação e dos sentimentos de culpa.

mas como uma óbvia e inquestionável verdade; uma crença amplamente difundida apesar da enorme quantidade de evidências empíricas em contrário.” (1987; p. xii)

A primeira razão para a persistência da hegemonia do paradigma tradicional é de caráter inercial, pois “*o peso de dois mil anos de tradição filosófica é algo que não desaparece da noite para o dia; todos nós fomos educados para pensar nesses termos*”, diz Lakoff. (Idem).

O segundo - e mais importante - motivo era a inexistência, até recentemente, de uma abordagem alternativa bem elaborada que permitisse preservar o que é correto na visão tradicional ao mesmo tempo em que a modificasse de acordo com os novos dados empíricos encontrados.

O novo paradigma, engendrado pelas contribuições de Lakoff, Johnson e outros pesquisadores da linguagem e das ciências neurocognitivas¹⁷ sugere que a razão é uma propriedade emergente da corporeidade e que o significado das produções mentais é uma extensão daquilo que é significativo para os seres vivos e pensantes: “*A natureza do organismo pensante e seu modo de funcionar no ambiente são de importância central para o estudo da razão.*”¹⁸ (Lakoff 1987, p. xi).

Em ambos os paradigmas, a formação de categorias é a principal maneira de tornar a experiência dotada de sentido. No novo modelo, porém, a experiência corporal e a maneira como utilizamos os mecanismos imaginativos são centrais para o modo de construção das categorias que conferem sentido à experiência.

No paradigma ‘objetivista’ o pensamento consiste na manipulação de símbolos abstratos que “*tomam seu significado via correspondência com o mundo **objetivamente estruturado**; isto é, independente da capacidade de entendimento de qualquer organismo.*” (Idem; grifo do Autor).

Dado o seu caráter transcendente, as proposições que derivam desse modelo sustentam que o pensamento e as coisas existem de *per se*, ignorando que as propriedades neurodinâmicas da própria organização perceptual e dos estados emocionais compõem um filtro que se interpõe entre ‘as coisas lá fora’ e a percepção da sua sensação, organizada em

¹⁷ Como Panksepp (1998); Damasio (1996; 2000; 2004); Gallagher (1998); Maturana e Varela (1995); Varela, Thompson e Rosch (1991) e outros tantos.

¹⁸ As citações referentes à Reich (1935/1972), Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987) e Gallagher (1998) ao longo do texto foram traduzidas pelo próprio autor.

totalidades significantes no córtex cerebral. Lakoff define o paradigma objetivista, ou razão incorpórea, nos seguintes termos:

Quadro 1 - O Paradigma Objetivista

(Razão Incorpórea)¹⁹

- O pensamento consiste na manipulação mecânica de símbolos abstratos (palavras e representações mentais);
- Os símbolos ganham os significados em correspondência às coisas no mundo exterior;
- A mente é uma máquina abstrata que manipula os símbolos de forma algorítmica como um computador;
- Os símbolos são representações internas da realidade externa;
- A correspondência entre símbolos e as coisas no mundo independem das propriedades do organismo;
- Ao usar representações internas da realidade externa, a mente espelha a natureza; a razão correta espelha a lógica do mundo externo;
- É meramente incidental para a natureza dos conceitos e da razão que os seres humanos tenham os corpos que têm e que funcionem no ambiente do modo como o fazem;
- O pensamento é abstrato, desvinculado da matéria e independe de quaisquer limitações do corpo, do sistema perceptual e do sistema nervoso humanos;
- Máquinas que manipulam símbolos mecanicamente são capazes de pensamento significativo e de entendimento;
- O pensamento é atomístico, pode ser completamente quebrado em ‘blocos de armar’ - os símbolos de que se vale o pensamento - que são combinados em complexidades e manipulados por regras;
- O pensamento é lógico e pode ser acuradamente modelado por sistemas semelhantes aos da lógica matemática.
- Sistemas simbólicos abstratos são definidos por princípios gerais da manipulação de símbolos e de mecanismos para a interpretação dos símbolos em termos de ‘modelos do mundo’.

Lakoff observa que a habilidade para a construção de categorias, isto é; a capacidade de agrupar as coisas com base em aspectos comuns compartilhados por todos os elementos

¹⁹ **In:** Lakoff, 1987; pp. xii-xiii.

que a compõem (por exemplo: mobília, maridos, plantas, veículos) é o elemento-chave para a percepção, para o pensamento, para a ação e para o discurso.

Na perspectiva clássica, a categorização ocorre com base nas propriedades comuns exibidas entre os elementos que irão se agrupar sob uma mesma categoria (árvores, por exemplo) e não contradiz o princípio básico da formação de categorias. Mas, observam Lakoff e Johnson (1999), a cadeia inferencial conjugação → categorização → generalização não esgota a questão de como formamos as categorias que engendram o conjunto da atividade mental humana.

Examinadas desde o novo modelo, entretanto, as categorias conceituais divergem significativamente dos requisitos delas exigidos pelo paradigma objetivista e o atual acervo de evidências aponta para uma condição corpo-dependente, o que sugere uma realidade bem distinta para as origens das categorias e da razão humana em geral:

Quadro 2 – O Paradigma Conexionista.

(Razão Corpórea)²⁰

- O pensamento é corpóreo (*embodied*) em sua origem: as estruturas utilizadas na formação do conjunto dos sistemas conceituais brotam da experiência corporal e só fazem sentido nos termos da própria experiência;
- O cerne dos sistemas conceituais está diretamente enraizado na percepção, no movimento corporal e numa experiência de caráter físico e social;
- O pensamento é imaginativo naqueles conceitos não diretamente embasados na experiência e que se valem da metáfora, da metonímia e da formação de imagens mentais para se constituir.
- As imagens mentais vão além do mero espelhamento literal (representação) da realidade externa;
- É a capacidade imaginativa que possibilita o pensamento ‘abstrato’ e conduz a mente para além do que podemos ver e sentir;
- A capacidade imaginativa depende indiretamente da corporeidade, pois as metáforas, as metonímias e as imagens estão baseadas na experiência, frequentemente na experiência corporal;

²⁰ In: Lakoff, 1987; pp. *xiv-xv*.

- O pensamento possui propriedades gestálticas: a superestrutura conceitual vai além da mera concepção atomística da ‘construção de blocos’ conceituais a partir de regras gerais de manipulação simbólica;
- O pensamento apresenta uma estrutura ecológica: a eficiência do processamento cognitivo no aprendizado e na memória depende da superestrutura do sistema conceitual e do significado dos próprios conceitos que, por sua vez, emergem da experiência corpórea no mundo. O pensamento é, portanto, mais do que a mera manipulação mecânica de símbolos abstratos;
- A estrutura conceitual é melhor descrita pela utilização de modelos que contenham as propriedades acima;
- A teoria dos modelos cognitivos incorpora o que está correto na visão tradicional ao mesmo tempo em que acumula dados empíricos acerca das origens da categorização para a construção de uma nova visão superestrutural.

Lakoff chama de *realismo experiencial* a esta nova visão do pensamento e da linguagem observando que “*o corpo é quem possibilita a razão; isso inclui a razão criativa e abstrata, bem como o raciocínio acerca das coisas concretas. A razão humana... brota da natureza do organismo e de tudo aquilo que contribui para a sua experiência individual e coletiva: a herança genética, a natureza do ambiente em que vive, a maneira como funciona neste ambiente, a natureza de seu funcionamento social, etc.*” (1987; p. xv)

3. CORPOREIDADE E COGNIÇÃO INVENTIVA

A epigênese e o continente corporal possuem, portanto, importância decisiva nos processos geradores da linguagem e da razão, o que concorda com a perspectiva de Kastrup (1999), que aborda o tema pelo ângulo da cognição inventiva de uma realidade sempre em construção: “... *O contato com a matéria se dá por meio de ações, não sendo intermediada por qualquer representação. Contato, portanto, inventivo e não representativo.*” (p. 52)

Ao enfatizar a importância das ações como o ponto de contato com a matéria ao redor, Kastrup nos remete à importância da experiência corpórea enquanto fonte da subjetividade. É o contato de uma dada organização material (o nosso corpo) com as demais expressões da matéria (o ambiente em sua múltipla expressão de materialidades) que forja as bases experienciais de onde emergem as construções imediatas que fazemos acerca de nós mesmos e do mundo.

Poder-se-ia argumentar que, no caso humano, tal contato já viria previamente revestido de representações, posto que o corpo já se encontra simbolicamente investido pela cultura e pela linguagem antes mesmo de sua constituição material. Desde uma perspectiva científico-natural, entretanto, isso não acontece como um dado *a priori*: o que nos é dado a princípio é tão somente a autoexperiência de um organismo dotado de sensações e de sentidos interoceptivos e exteroceptivos, o que nos torna abertos à subjetivação; esta sim, um produto complexo da atividade cerebral superior.

Trata-se de um organismo ‘colonizado pela cultura’ desde a sua entrada no mundo²¹ e cuja vanguarda colonizadora se materializa através de um adulto-precursor, cuja função materna emerge de uma corporeidade por sua vez previamente colonizada e a quem cabe introduzir o bebê no universo humano por todos os meios que lhe forem possíveis e toleráveis.

De um ponto de vista materialista, as construções de si e do mundo só podem acontecer *a posteriori* da experiência, pois não é possível construir a imagem de algo que não tenha sido previamente experienciado²². Como sustenta Kastrup, “*a matéria não se confunde com a forma dos objetos, mas é algo amorfo, ao mesmo tempo pré-objetivo e pré-subjetivo. A experimentação, por sua vez, não é subjetiva, mas a condição de constituição tanto do sujeito cognitivo quanto do mundo conhecido... sujeito e objeto são formações experimentais, inventadas*” (1999, p. 52).

Tal é a própria petição de princípios da Psicoterapia Neurodinâmica: a instância primordial da vida subjetiva é o próprio ato de nos sabermos vivos.

4. OS DOIS SALTOS NA EVOLUÇÃO HUMANA

Na hipótese de trabalho aqui oferecida à reflexão do leitor, a vida se define enquanto complexidade biológica. O surgimento do fenômeno de membrana²³ inaugura o domínio dos seres vivos a partir de uma nova ordem da natureza – uma ordem bioenergética - que opera

²¹ Segundo Navarro (1991), a chegada ao mundo ocorre já a partir da fecundação e as primeiras interações com o ambiente heterólogo ao ser já ocorrem a partir da nidação do óvulo fecundado na parede uterina.

²² Por exemplo: tente imaginar um ser extraterrestre destituído de quaisquer características humanas, sejam elas físicas, psicológicas ou sociais; ou, ainda, uma forma qualquer de vida que não se ampare em nenhum princípio conhecido acerca da biologia, da zoologia ou da botânica.

²³ O fenômeno de membrana consiste numa diferença de tensão superficial que se verifica na interface entre dois meios líquidos, porém heterogêneos em sua composição de partículas em solução, separados por uma membrana biológica porosa que é incessantemente cruzada por partículas sólidas e suas respectivas cargas iônicas em trânsito entre dois ambientes líquidos segregados pela barreira membranosa. No caso, trata-se de dois meios líquidos - um intracelular e outro extracelular - em constante interação através de uma barreira sólida, permeável e coerente, formada por cadeias de proteínas e mucopolissacarídeos. Reich, no início dos anos 30, empreendeu uma revisão da teoria psicanalítica dos impulsos a partir dos estudos biofísicos de Hartmann, ancorando-a na biologia celular da época.

segundo a égide do metabolismo, da assimilação, do processamento e da eliminação de resíduos da atividade metabólica.

O fenômeno de membrana inaugura uma nova ordem na evolução do universo – o domínio das coisas vivas - e, até onde se pode saber, trata-se de uma ordem de fenômenos possível apenas no domínio da materialidade biológico-energética, isto é: nos reinos vegetal e animal. Nessa hipótese, a subjetividade encontra-se presente em todo o território das coisas vivas e tem como corolário a formação de categorias, uma condição essencial para a sobrevivência do indivíduo e das espécies.

Como nos dizem inicialmente Reich (1933/1972) e mais recentemente Lakoff e Johnson (1999), até mesmo as amebas são capazes de categorizar, pois elas possuem a habilidade de distinguir dentre os eventos ambientais aqueles que constituem alimento e aqueles que constituem perigo à sua sobrevivência. A capacidade de formar categorias independe da razão transcendental, pois *“a ameba não pode escolher se categoriza ou não; ela apenas o faz. O mesmo é verdadeiro em qualquer nível do mundo animal. Animais categorizam alimento, predadores, possíveis parceiros, membros de sua própria espécie, etc.”*²⁴ (1999, p.17). Refletindo essa orientação científico-natural sobre a condição humana, Reich postula a existência de um duplo salto na evolução: para ele, a unidade somatopsíquica²⁵ evolui em dois grandes saltos observáveis no desenvolvimento natural que por sua vez dão origem a outros processos evolutivos, graduais:

Quadro 3 – Os dois saltos na evolução das espécies.

(Reich, 1935/1975, modificado por Xavier)

1. Primeiro salto evolucionário: transição do inorgânico ao orgânico-vegetativo (fenômeno de membrana ou constituição do domínio das materialidades vivas; surgimento do sistema nervoso primitivo no reino animal);

²⁴ Apesar de Lakoff restringir a capacidade de categorização ao reino animal, ao menos algumas espécies vegetais também parecem capazes de categorizar, como por exemplo, a popular ‘dormideira’ ou ‘sensitiva’ (*Mimosa Pudica L.*, uma leguminosa da família *Fabaceae*), que fecha as suas folhas ao menor toque. A mesma capacidade discriminatória também pode ser identificada nas plantas insetívoras que desenvolveram vários dispositivos de captura, como os ‘nepentes’ (*Nepenthes Alata*; Família *Nepenthaceae*) que apresentam folhas em forma de tubo que coletam água das chuvas e depois liberam um odor que atrai os insetos, e as ‘dioneas’ (*Dionea sp.* da Família *Droseráceae*, cujos tentáculos são acionados quando um inseto pousa e debate-se sobre a folha, aprisionando-o.

²⁵ Preferimos este termo ao consagrado ‘unidade psicossomática’ porque do ponto de vista evolutivo o somático antecede o psíquico. Ambos os termos foram criados por Heinroth (Apud Bercherie, 1989), com cerca de uma década de intervalo.

2. Segundo salto evolucionário: passagem da ordem orgânico-vegetativa (o vivo) à constituição do aparelho psíquico; encefalização das espécies e emergência dos fenômenos da consciência e da autopercepção nos mamíferos; surgimento da consciência nuclear e da experiência da subjetividade individual.

De acordo com Reich, “*o orgânico, ao surgir do inorgânico, e o psíquico, ao surgir do vegetativo conservam, ambos, em sua função e processos as leis que regiam suas respectivas matrizes.*” (Op. cit. p. 359).

Nesta perspectiva, o ‘aparelho psíquico’ nasce dos contatos da matéria com o ambiente ao redor, um contato regrado pela cultura desde os seus primórdios, e o organismo do bebê pode ser metaforicamente comparado a um território inexplorado - porém não vazio - que recebe a chegada do Outro-colonizador. Assim como um continente recém descoberto e dotado de riquezas naturais (rios, montanhas, planícies férteis e jazidas subterrâneas; isto é: corpo, atividade fisiológica de base, emoções, sentimentos, germes de autoconsciência e pensamento autônomo) ele é capturado pela vanguarda ‘colonizadora’ da função-materna que ali implanta a ordem cultural vigente na metrópole dos corpos subjetivados dotados de história.

Trata-se do início de uma extensa rede de operações que tanto pode fazer do novo território uma fonte de riqueza para o Outro-colonizador (explorando-o em proveito próprio) ou ali instaurar as bases para o desenvolvimento de uma futura nação/pessoa autônoma, independente e soberana.

5. ESQUEMA CORPORAL, IMAGEM CORPORAL, CORPOREIDADE SUBJETIVADA.

Em 1920 Head introduziu os conceitos de *esquema corporal* e de *imagem corporal*, salientando que na sua própria organização experiencial o corpo se apropria inconscientemente dos movimentos e das posturas habituais bem como das partes significantes do ambiente (Apud Gallagher; 1998).

Na elaboração neurológica do esquema corporal de Head encontramos que as marcas do ambiente exterior ao corpo propriamente dito o constituem tanto quanto a própria organização somática *strictu sensu*. É o esquema corporal que instrumentaliza²⁶ o *modus operandi* corpóreo que engendra a percepção ao mesmo tempo em que lhe impõe limites - os

²⁶ A esta altura já devidamente simbolizado no cérebro através da experiência engramada nos núcleos neuronais que contribuem com esta função.

limiares perceptivos dependentes da estrutura caracterológica²⁷ - à consciência intencional em suas diversas modalidades.

Gallagher (Idem) aporta interessante reflexão sobre a subjetividade corporificada, elaborada a partir de ambos os pólos do arco intencional de Merleau-Ponty. Nessa perspectiva, o esquema corporal – o agenciador da percepção - encontra-se numa das pontas do arco intencional, ao passo que a imagem corporal – o agente perceptor - ocupa o outro extremo do arco e constitui a imagem mental de nossa dimensão corporal.

No domínio da imagem corporal, o corpo se apresenta como um objeto ou conteúdo da consciência intencional: já estamos, portanto, no domínio da *corporeidade*: trata-se do corpo que se é, que se lembra, que se imagina, se estuda, se ama, se odeia, e assim por diante.

Quadro 4. A elaboração da corporeidade.

(Head, Merleau-Ponty e Gallagher; modificado por Xavier)

- **Esquema corporal:** agente da percepção (causalidade ascendente ou processamentos *bottom-up*)
- **Imagem corporal:** agente do percebido (causalidade descendente ou processamentos *top-down*)
- **Corporeidade:** o organismo subjetivado, elaborado a partir dos agenciamentos que transitam via arco intencional em ambos os sentidos (causalidade circular assimétrica)

Para Gallagher o esquema corporal age como um fator pré-noético que organiza e delinea a experiência cognitiva, pois “*os ajustes posturais e motores do esquema corporal ficam sempre ‘por trás da cena’, a tergo. Quando percebo, não percebo o meu corpo efetuando os ajustes que possibilitam e delinham o ato da percepção. Estes ajustes não aparecem como partes explícitas do significado perceptual, embora colaborem implicitamente na estruturação desse significado. Por esta razão, a postura corporal não é redutível à sua posição objetiva*” (1995/1998, p. 235. Grifo do autor)

Embora o esquema corporal de Head seja um *constructo* eminentemente neurológico, pode se perceber aqui a importância capital das interações germinais com a pessoa da mãe²⁸ na construção da identidade e do corpo próprios do bebê. É aí que entram, na construção da sua futura pessoa, os ajustes posturais e autonômicos demandados pelo acoplamento com o

²⁷ Ou terceiro nível de seletividade da rede neuronal (Xavier, 2004; 2005).

²⁸ Eminentemente corpóreas a essa altura primeva dos acontecimentos, incluídas aqui as interações mediatizadas através da troca de olhares, da interação entre feromônios materno-infantis e pelos sons da fala em suas tonalidades emocionais.

adulto-mãe (e a todos os demais que a ele se seguem); é através dos acoplamentos com ela e seus sucedâneos que a cultura coloniza os nossos gestos, sentimentos e produções cognitivas. Enquanto parte significativa do ambiente (tão mais significativa quanto mais jovem for o bebê) é ao adulto-mãe a quem ele se acopla²⁹ para dar seguimento ao seu desenvolvimento psicobiológico bem como à sua constituição enquanto sujeito da cultura.

O adulto-mãe é o aspecto significativo mais proeminente do meio ambiente inicial do bebê e a corporeidade da mãe constitui função materna para além do mero significante linguístico: os seus cheiros, as inflexões de sua voz, a qualidade dos seus olhares e as maneiras como ela o vai manejando/segurando/amando constituem virtualmente o mundo na sua totalidade para o bebê. Progressivamente, a interação vai se tornando mais e mais complexa à medida que se desenvolvem as estruturas neurais, especialmente os hemisférios cerebrais. Com o sistema nervoso central do bebê dotado de novas e assombrosas possibilidades de processamento neurodinâmico, as materialidades exteriores aos limites do seu ser vão gradualmente se ampliando, ganhando novas formas e a figura materna vai gradualmente perdendo a sua primazia de principal aspecto veiculador da realidade somática, ambiental e cultural.

Sobre a base primitiva do esquema corporal enriquecido pelas memórias emocionais agregadas pela entrada em cena dos sistemas de memória de procedimento, as experiências somato-emocionais primitivas perenizam-se em forma de *corporeidade*. No infante, os núcleos da base e a amígdala já se encontram suficientemente desenvolvidos a ponto de codificarem memórias de tipo implícito (movimentos, experiências, ‘dicas’ relacionais) enquanto a imaturidade do hipocampo (que só entra ‘online’ por volta dos 18 meses) pode explicar em parte a ‘amnésia infantil’ para as memórias explícitas. (Blinder, 2003).

Assim, o esquema corporal deixa de ser um construto neurológico *strictu sensu*, posto que enriquecido (para o bem e para o mal) pelas marcas das emoções carreadas pela mãe, retransmitidas pelo caráter da sua movimentação corporal em interação íntima com o corpo do bebê³⁰. É no âmbito experiencial das vivências emocionais arroladas ao longo da primeira infância que Reich irá identificar a formação da estrutura caracterológica, em especial na sua fração neuromuscular; isto é, no domínio das memórias implícitas, que se encontram na base da organização da subjetividade individual.

²⁹ Através de um equipamento etológico de ligação filogeneticamente constituído, conforme descrito por Bowlby (1958b).

³⁰ Imagine, por um instante: o que pode sentir um bebê no colo de uma mãe nervosa? São experiências desta ordem que estão nas origens ‘extracorpóreas’, por assim dizer, do nosso esquema corporal.

Uma vez incorporado o significado emocional pela via da experiência primitiva embricada no esquema corporal estendido (núcleos da base, amígdala, hipocampo) o organismo – agora devidamente mergulhado na pia batismal da cultura veiculada pela corporeidade emocional da mãe - se instaura enquanto corporeidade gradualmente subjetivada.

**Quadro 5 – Organismo, corpo e corporeidade.
(estrutura caracterológica)**

- **Organismo:** conjunto de estruturas organizado em totalidades complexas e coerentes de tecidos, órgãos e sistemas fisiológicos constituindo uma unidade biológica viva (vegetal ou animal). Aporta conteúdos à rede cognitiva/consciência.
- **Corpo:** organismo subjetivado (colonizado pela experiência/cultura). Representações conscientes e inconscientes (rede cognitiva subsimbólica) que constituem o objeto da percepção.
- **Corporeidade:** organismo subjetivado em dupla deriva mental, ou ‘mentação’.³¹

Gallagher nos diz ainda ser impossível um trânsito – seja em sentido *bottom-up* ou *top-down* - entre a experiência corporal e sua transdução em imagens mentais, mnêmicas ou mesmo linguísticas ‘por fora’ das rotas e estruturas que configuram o esquema corporal: assim, as operações de transdução corpo ↔ mente “*não são fenômenos estritamente mentais (intencionais) nem estritamente físicos, embora seus efeitos atravessem tal distinção*” (Op. Cit., p. 227)

A neurobiologia de Damásio (1996; 2000; 2004), por sua vez, reconhece que a mente existe dentro de um organismo integrado e para ele, pois “*nossas mentes não seriam o que são se não existisse uma interação entre o corpo e o cérebro durante o processo evolutivo, o desenvolvimento individual e no momento atual. A mente teve primeiro que se ocupar do corpo, ou nunca teria existido.*” (1996, p. 17). Segundo Damásio, essa conclusão deriva das seguintes evidências:

³¹ A teoria de Huglings-Jackson (1931/1932) pressupõe a existência de três níveis de atividade neuronal simultânea: apresentação (sensação), representação (percepção) e re-representação (‘mentação’).

Quadro 6. Organização neurodinâmica da unidade somatopsíquica.

(Damásio, 1996)

- a) **O cérebro humano e o resto do corpo constituem um organismo indissociável**, formando um conjunto integrado por meio de circuitos reguladores bioquímicos e neurológicos mutuamente interativos (incluindo componentes endócrinos, imunológicos e neurais autonômicos);
- b) **O organismo interage com o ambiente como um conjunto**: a interação não é exclusivamente do corpo nem do cérebro;
- c) As **operações fisiológicas que denominamos por mente derivam desse conjunto estrutural e funcional e não apenas do cérebro**: os fenômenos mentais só podem ser cabalmente compreendidos no contexto de um organismo em interação com o ambiente que o rodeia.

Damásio enfatiza a constituição subjetiva daquilo que categorizamos como meio ambiente, observando: *“O fato de o ambiente ser, em parte, um produto da atividade do próprio organismo apenas coloca ainda mais em destaque a complexidade das interações que devemos ter em conta.”* (Op. cit.; p. 17).

Além disso, a interação entre regiões cerebrais filogeneticamente mais recentes com as mais antigas, dos córtices pré-frontais até o hipotálamo e o tronco cerebral, se manifestará na esfera da subjetividade em forma de razão e linguagem: *“Os níveis mais baixos do edifício neurológico da razão são os mesmos que regulam o processamento das emoções e dos sentimentos e ainda as funções do corpo necessárias para a sobrevivência do organismo (...), os níveis mais baixos mantêm relações diretas e mútuas com praticamente todos os órgãos do corpo, colocando-o assim diretamente na cadeia de operações que dá origem aos desempenhos de mais alto nível da razão, da tomada de decisão e, por extensão, do comportamento social e da capacidade criadora.”* (Idem; p. 13).

6. METÁFORA E METONÍMIA NA CORPOREIDADE.

O realismo experiencial de Lakoff e Johnson postula um papel fundador para o corpo na produção da linguagem e da subjetividade ao identificar que *“assim como as experiências básicas da orientação espacial humana dão origem a metáforas orientacionais, nossas experiências com os objetos físicos, (especialmente nossos próprios corpos) constituem as bases para uma variedade extremamente ampla de metáforas ontológicas, isto é, modos de ver eventos, atividades, emoções, ideias, etc., como entidades e substâncias.”* (1980, p. 25; grifo meu).

Em Lakoff e Johnson as metáforas ontológicas servem a múltiplos propósitos e os refletem. Alguns exemplos:

- “A globalização está rebaixando nosso padrão de vida” (a globalização como uma entidade com vida própria);
- “Será necessário um bocado de paciência para chegar ao fim deste texto” (a paciência como uma substância quantificável);
- “A borboleta está no jardim” (o jardim como uma metáfora-continente, que contém a borboleta).
- “A virtude é o bem mais alto que um ser humano pode alcançar” (a orientação vertical indica, de forma hierárquica e ascendente, a superioridade das coisas nobres em oposição à baixeza dos comportamentos animais e incivilizados);
- “São Paulo verticaliza as pessoas enquanto o Rio de Janeiro as horizontaliza” (metáfora orientacional equivalendo o eixo vertical ao princípio da realidade - introspecção, seriedade, trabalho e acumulação - enquanto o eixo horizontal fornece a base metafórica para a socialização, a alegria e o imediatismo da vida – o princípio do prazer).

Orientações espaciais, tais como em cima/em baixo, na frente/atrás, dentro/fora, centro/periferia e longe/perto também dão suporte a uma extensa variedade de metáforas para a compreensão de conceitos orientacionais, cujos sentidos que variam em função da conotação emocional envolvida com a orientação espacial utilizada. Por exemplo:

- “Estar ao pé da lista” implica em um sentimento diverso do que sentimos quando “Estamos ao pé da montanha”;
- “Estar no fundo do poço” implica em um estado de ânimo distinto do que em “Ir ao âmago da questão”.

Assim, *“a metáfora permeia toda nossa vida cotidiana; não apenas na linguagem, mas no próprio pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico em sua natureza.”* (1980, p. 3)

A experiência corporal é estruturante da razão e da linguagem não por ser a mera base física através da qual estamos em contato com o mundo, mas porque cada percepção afeta a neurodinâmica corrente e gera – a partir da atividade em curso na amígdala e nas demais estruturas implicadas- uma valência emocional que qualifica o registro em termos de sentimento.

A memória implícita incorporada ao registro modifica-o, agrega-lhe valor e instaura o primado do objeto ‘interno’ ou partes dele: o objeto da mente corporificada, portanto, já não mais corresponde exatamente ao fenômeno sensorial-perceptivo que lhe deu origem.

7. A MENTE ALÉM DA MÁQUINA.

Ao estender o campo de ação da psicanálise ao corpo, Reich observava que *“a tensão e o alívio psíquico não podem existir sem uma representação somática, pois tensão e relaxamento são processos biofísicos. Até o momento, temos transferido esses conceitos para o domínio psíquico. Isto era correto, exceto que não se trata de uma analogia senão de uma verdadeira identidade, a identidade das funções psíquica e somática.”* (1935/1975, pp. 348/349).

No contexto da Psicoterapia Neurodinâmica, podemos encontrar alguns exemplos de como as experiências eliciadas pela fase corporal do processo terapêutico podem trazer as metáforas e as metonímias para o centro da cena terapêutica.

Jonas, 46 anos, funcionário público, traz o seguinte relato subjetivo de sua experiência após permanecer algum tempo alternando o seu ponto de mirada entre um ponto imaginário no teto da sala e a ponta do seu próprio nariz: “Vi a imagem de um bico de seio. Lembrei de não ter lembranças de amamentação e do cheiro de leite que me enjoa...” A MeSA (Metáfora Somática Ativadora ou *acting*) utilizada naquele momento consistia exatamente em metaforizar corporalmente o ato de alternar o ponto de mirada do olhar entre um ponto focal distante (o olhar ou o rosto da mãe) e a ponta do seu próprio nariz, o primeiro referente somático do self primal, onde o sujeito da experiência teoricamente começa a se reconhecer na própria corporeidade como instância alternativa ao adulto-mãe.

No caso, “vi um bico de seio” expressa uma metonímia da mãe (a parte pelo todo) enquanto “lembrei de não ter lembranças da amamentação e do cheiro de leite que me enjoa” expressa a atividade mental concomitante de Jonas, ou seja: o ato de corporeidade (a re-representação ou ‘mentação’ de Hughlings-Jackson; com direito, inclusive, a uma produção denegatória) produzido nos níveis mais sofisticados de processamento cognitivo recorrente das operações neurodinâmicas, replicadas a partir da experiência sensoriomotora elementar em que Jonas se encontrava engajado naquele momento da sessão.

Assim:

1. Se a metáfora e a metonímia são corporalmente originárias,

2. Se a linguagem³² opera como uma usina conceitualizadora dos fenômenos emergentes da corporeidade em interação com as materialidades que não lhe são próprias;
3. Se, como os anéis do tronco de uma árvore, a corporeidade subjetivada guarda viva em seu núcleo as relações entre os modos prévios e os modos atuais de funcionamento que engendram as categorias que formatam a percepção, a linguagem e a própria experiência de nossa corporeidade, conforme Reich antecipara ao abordar a representação psíquica do orgânico;

Então a posição reichiana da unidade somatopsíquica e a perspectiva linguística de Lakoff e Johnson se encaixam com precisão suíça. Comparem novamente a posição de Reich com a de Lakoff e Johnson nas citações utilizadas na abertura do texto.

Os estudos neurológicos de Damásio fornecem subsídios adicionais que permitirão a futura verificação objetiva da intuição reichiana ao reportar que *“metaforicamente, a razão e a emoção ‘se cruzam’ nos córtices pré-frontais ventromedianos e também na amígdala. Além disso, o comprometimento do complexo dos córtices somatossensoriais no hemisfério direito, onde se representa o corpo e suas paisagens viscerais também compromete o raciocínio e a tomada de decisão bem como as emoções e os sentimentos e, adicionalmente, destrói os processos de sinalização básica do corpo.”* (1996; pp. 95/96).

A assertiva de Damásio parece responder à dificuldade com que Reich se deparava em 1935: *“A questão é, pois, como é possível que uma função fisiológica encontre uma representação tão imediata no comportamento psíquico. Sinceramente, não o sei. Porém, esclarecer esta questão significará um grande passo adiante em nossa compreensão das relações entre funções fisiológicas e psicológicas.”* (Reich, 1935/1972; p. 341).

8. CONCLUSÃO

As metáforas e as metonímias constituem uma efetiva apresentação no campo da linguagem daquilo que se passa na corporeidade. A linguagem constitui a transdução no plano mental das derivas em acoplamento estrutural entre uma forma específica de matéria (a corporeidade) em interação complexa com as demais materialidades em curso.

A própria cultura é em si uma forma de materialidade, pois constitui um regramento dos usos e costumes da corporeidade e das materialidades que nos são ‘exteriores’, produzido às expensas de uma forma específica de modelagem da matéria, a memória.

Possíveis respostas para a questão levantada por Reich podem e devem ser buscadas na imensa vazão de dados aportados pelo manancial das pesquisas atuais sobre o

³² Um produto da atividade psíquica, ápice da neurodinâmica humana até o momento.

funcionamento do sistema nervoso central e seus módulos perceptivos, emocionais e cognitivos; e a possibilidade de integrá-los numa perspectiva inventiva, conforme sugere Kastrup, poderá responder à complexa questão da superação das perspectivas dualistas ainda hegemônicas: o objetivismo positivista no campo da investigação científico-natural, por um lado, e a subjetividade filosófica pela vertente das ciências humanas.

Mais uma vez, vemos que as proposições reichianas do período pré-orgonômico se revelam corretas desde que devidamente refinadas e desenvolvidas pelos conhecimentos aportados pelas neurociências, pela filosofia e pela lingüística que emergem do paradigma conexionista.

As implicações desta perspectiva deverão produzir novos agenciamentos no campo da clínica corporalista para além dos dispositivos clínicos até então conhecidos e aplicados nas técnicas das diversas correntes da psicoterapia corporal, com renovada atenção aos aspectos lingüísticos e relacionais que ocorrem no âmbito da relação de trabalho terapêutica.

Agradecimentos: Aos colegas psicólogos Sophie Farhi, Fabian Dullens e Marco Aurélio Mendes pela leitura e comentários às versões intermediárias do texto. Agradeço também à engenheira agrônoma Angela Iaffe pela consultoria botânica que aparece na nota 10 e a Sean Haldane pela contínua inspiração nesse árduo e gratificante caminho da releitura dos cometimentos reichianos à luz da neurodinâmica relacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERCHERIE, P. **Os fundamentos da clínica:** história e estrutura do saber psiquiátrico. Jorge Zahar editora; Rio de Janeiro, 1989.
- BLINDER, B. Psychodynamic Neurobiology: The neurobiologic bases of mental conflict and psychotherapeutic change. *In:* Beitman, B.; Blinder, B.; Thase, M.; Safer, D.; Riba, M - **Integrating Psychotherapy and Pharmacotherapy: Dissolving the Mind Brain Barrier.** New York: Norton March 2003.
- BOWLBY, J. **The nature of the child's tie to his mother.** International Journal of Psychoanalysis. 39:350-373. 1958
- DAMÁSIO, A. R. **O Erro de descartes:** emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- _____. **O Mistério da consciência:** do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

_____. **Looking for Spinoza: joy, sorrow and the feeling brain.** Orlando FLA: Harcourt, 2003.

Gallagher, S. – *Body schema and intentionality*, In: Bermudez, J.L.; Marcel, A. and Eilan, N. (Eds.) – **The body and the self.** MIT Press; Cambridge, 1998.

HALDANE, S. W. **Uma abordagem relacional para a psicoterapia neurodinâmica.** Revista Reichiana. São Paulo, n. 13, p. 45-59. 2004.

HUGHLINGS-JACKSON, J. **Selected Writings.** (Ed. J. Taylor). London: Hodder and Stoughton Limited; 1931/1932.

KASTRUP, V. - **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição.** Campinas: Papirus Editora, 1999.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things.** What categories reveal about the mind. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. - **Metaphors we live by.** Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

_____ - **Philosophy in the flesh.** The embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento - As bases biológicas do conhecimento humano.** Campinas: Ed. Psy, 1995. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas.** Campinas: Papirus Ed.; 1990.

NAVARRO, F. - **Somatopsicodinâmica das biopatias.** Interpretação reichiana das doenças com etiologia ‘desconhecida’. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

PANKSEPP, J. **Affective neuroscience.** The foundations of human and animal emotions. New York/Oxford: Oxford University Press, 1998.

REICH, W. Psychic contact and vegetative currents. In: **Character Analysis: 3^a enlarged edition.** New York: Simon and Schuster, 1935/1972.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

XAVIER, J. I. T. – **Atenção a Si e Psicoterapia Corporal: efeitos da auto-estimulação somatossensorial e suas implicações para o corpo, as emoções e a cognição.** Tese de Doutorado, programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, 2004.

_____. A atenção, a consciência e o 'dar-se conta' no paradigma da psicoterapia neurodinâmica. **Revista Reichiana**, n. 14 pp. 45-71. 2005.